

# "SAPATÃO NÃO! EU SOU MULHER DE SAPATÃO!" HOMOSSEXUALIDADES FEMININAS EM UM ESPAÇO DE LAZER DO SUBÚRBIO CARIOCA

**Silvia Aguião**

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

E-mail: [saguiao@uerj.br](mailto:saguiao@uerj.br)

*Resumo: Este artigo baseia-se no trabalho de campo realizado em um espaço de lazer noturno GLS no bairro de Madureira, Rio de Janeiro. Busca-se a apreensão dos sistemas de classificação, que envolvem sexo, gênero, cor/raça e estilos, e que orientam a sociabilidade e a circulação de corpos e pessoas entre os espaços da cidade. A análise se detém especialmente nos usos e sentidos de categorias destinadas a tipificar a orientação homossexual feminina.*

*Palavras-chave: gênero; homossexualidade feminina; categorias identitárias; subúrbio; cor/raça.*

Na cidade do Rio de Janeiro, é possível afirmar a existência de dois grandes circuitos de lazer noturno dirigidos ao público homossexual, um localizado na Zona Sul e outro no subúrbio.<sup>1</sup> O centro da cidade talvez seja o lugar no qual os dois circuitos se cruzem. Falas e observações de pessoas com as quais convivi durante o trabalho de campo organizam esse desenho para o circuito noturno da cidade. As narrativas hierarquizam as opções da noite GLS carioca, em função de público/classe, tipo/orientação sexual, preço, localização e acesso, mas igualmente deixam transparecer como essa organização é relativa. É comum ouvir de quem frequenta a noite em Madureira, por exemplo, que a boate 1140 (na praça Seca) é lugar de gente de "nariz em pé". Já de frequentadores da 1140, ouvi que a boate Le Boy (em Copacabana) é que era lugar de "gente de nariz em pé". Seguindo esta lógica, podemos dizer que ouviríamos do público da Le Boy, que as pessoas têm o "nariz em pé" na boate 00 (ZeroZero), na Gávea, amplamente conhecida pelos altos preços praticados na entrada e no bar e, igualmente, pela frequência de pessoas famosas e/ou com alto poder aquisitivo.

<sup>1</sup> Este artigo corresponde a uma parte da pesquisa realizada para minha dissertação de mestrado, orientada pela professora Laura Moutinho. O trabalho de campo foi conduzido na favela de Rio das Pedras e em um espaço GLS do bairro de Madureira, subúrbio do Rio de Janeiro (AGUIÃO, 2007).

Pessoalmente, tinha alguma familiaridade apenas com o circuito da Zona Sul do Rio de Janeiro. Ao iniciar o trabalho de pesquisa em um espaço do bairro de Madureira e na favela de Rio das Pedras (Zona Oeste da cidade), percebi uma configuração diferente, no que concerne às categorias e formas de interação social. Mais adiante descobri que estes aspectos que eu considerava *diferentes* faziam parte de um circuito mais amplo do subúrbio.

Entre fevereiro e junho de 2006, inserida em um projeto de pesquisa maior,<sup>2</sup> frequentei semanalmente um espaço social no bairro de Madureira, visando à produção de pequenas etnografias diárias. Pouco tempo depois, passei a ser acompanhada no mesmo ambiente por moradores da favela de Rio das Pedras, com os quais havia desenvolvido vínculo de amizade durante uma investigação na localidade, focada na articulação entre cor/raça, mestiçagem, gênero e homossexualidade (AGUIÃO, 2007). Não se trata aqui de explorar dados desta pesquisa em Rio das Pedras, mas, em alguns momentos, serão citadas certas situações específicas vivenciadas na companhia deste grupo.

O espaço consiste na Travessa Almerinda Freitas, uma pequena rua onde se localiza uma das boates mais famosas da região direcionada ao público homossexual, a *Papa G*. Semanalmente, esta pequena rua torna-se um ponto de encontro *gay* ou GLS.<sup>3</sup> É a "Quarta Gay", frequentada por homens e mulheres de diversas idades, com o predomínio de jovens.

Neste artigo, descrevo sucintamente o ambiente, as conversas e situações que presenciei com frequentadores do local. Elaboro a hipótese de que são as classificações que entrecruzam sexo, gênero, cor/raça e estilos que organizam o desejo, que, por sua vez, orienta a sociabilidade e a circulação de corpos e pessoas entre os espaços da cidade. Procuo descortinar algo destes complexos sistemas de classificação, detendo-me especialmente nos usos e sentidos das categorias destinadas a tipificar a orientação homossexual feminina, ainda que faça menção às categorias e tipos relativos à homossexualidade masculina.

<sup>2</sup> Projeto *Relations among "race", sexuality and gender in different local and national contexts*. Elaborado originalmente por Laura Moutinho, Omar Ribeiro Thomaz, Cathy Cohen, Simone Monteiro, Rafael Diaz e Elaine Salo. A pesquisa está sendo realizada por nove centros de pesquisa: USP (São Paulo), CLAM/IMS/UERJ (Rio de Janeiro), CEBRAP(São Paulo), IOC/FIOCRUZ (Rio de Janeiro), SFSU/CRGS (San Francisco), Center for the Study of Race, Politics and Culture (Chicago), AGI/UCT (Cape Town), WITS e OUT (Johannesburgo). O grupo de pesquisadores compreende Laura Moutinho (Coordenação geral), Simone Monteiro (coordenação Rio de Janeiro), Júlio Simões (coordenação São Paulo), Elaine Salo (coordenação Cidade do Cabo), Brigitte Bagnol (coordenação Johannesburgo), Cathy Cohen (coordenação Chicago) e Jessica Fields (coordenação San Francisco). A pesquisa é financiada pela Fundação Ford e conta com o apoio do CNPq.

<sup>3</sup> *Rua gay* ou *rua GLS* são categorias nativas. A sigla GLS, que significa Gays, Lésbicas e Simpatizantes, foi a forma pela qual muitos frequentadores se referiram ao espaço. Segundo França (2006), o surgimento do termo na década de 1990 é correlato ao aparecimento de um mercado direcionado a um público específico. A autora relaciona a categoria a "[u]ma espécie de tradução da ideia norte-americana de *friendly*, o S da sigla indica 'simpatizantes', numa intenção de expandir as fronteiras do 'gueto', abarcando também consumidores que não se identificam como homossexuais, mas que, de alguma forma, participam desse universo" (p. 2). Sobre o mercado como processo de atualização e reconfiguração do gueto e, especificamente, sobre o caso da cidade de São Paulo, ver Simões; França (2005).

A experiência de campo em Rio das Pedras e na etnografia sobre o circuito de Madureira serve de base para analisar um sistema de classificação no qual orientação sexual, gênero, cor/raça e estilos se entrecruzam, produzindo formas particulares de nomear “o outro” em geral e “o outro” desejado. Nesse sentido, busco apreender o que designo de “classificações do desejo”, por meio de conversas e observação etnográfica. Trata-se de acessar as representações, que entrecruzam gênero, cor/raça e estilos, que surgem neste sistema de categorização. A seguir, apresento alguns aspectos referentes ao arranjo socioespacial da *Rua* de Madureira.

### **O espaço e seus frequentador@s<sup>4</sup>**

O bairro de Madureira,<sup>5</sup> localizado na Zona Norte, é um grande centro do subúrbio carioca. A extensa oferta de transporte ferroviário liga o bairro a quase todos os subúrbios da cidade. A localidade é bem servida por diversas linhas de ônibus, além de um grande volume de transporte alternativo, como vans e kombis, o que contribui para que a redondeza seja conhecida pela variedade de seu comércio, com fama de ser uma das maiores arrecadações de ICMS do Rio de Janeiro. A região também se distingue pela tradição do samba, a área que abrange Madureira e Oswaldo Cruz abriga três agremiações do gênero. Tais fatores fazem com que o bairro seja uma importante referência de lazer.

As linhas de trem que cruzam Madureira são acompanhadas por um viaduto que divide o bairro em três partes ou “lados”, como é mais comum ouvir. A travessa Almerinda Freitas é uma pequena rua de localização privilegiada, pois está próxima ao viaduto, entre vias principais ou que dão acesso a vias principais e do mesmo “lado” do viaduto onde fica o Madureira Shopping. Bem próximo a ela está uma das escolas de samba da região e a parte do viaduto onde acontece um famoso baile Charme.<sup>6</sup> Ainda próximo, mas do outro “lado” do viaduto, há um famoso local misto de bar, boate e casa de shows de frequência heterossexual.

Durante a pesquisa, contaram-me que, antes, o encontro no *shopping* antecedia ao encontro na rua. Eram as “Quartas gays do shopping de Madureira”.<sup>7</sup> Corre o boato de que alguns banheiros do *shopping* ainda são propícios para a “pegação”, mas que o movimento da “Quarta gay no shopping” não é mais o mesmo. A *Rua* é

<sup>4</sup> O @ (arroba) vem ganhando espaço e sendo utilizado como modo de fugir às amarras de significação dos gêneros masculino ou feminino. No trabalho de campo, notei o uso deste caractere em alguns *flyers* de festas direcionadas ao público não heterossexual.

<sup>5</sup> Para alguns dados demográficos sobre o bairro e uma breve contextualização histórica de sua formação: <[http://www.rio.rj.gov.br/subzonanorte/atrativ\\_historicos\\_predios\\_historicos.htm](http://www.rio.rj.gov.br/subzonanorte/atrativ_historicos_predios_historicos.htm)> e <<http://www2.rio.rj.gov.br/governo/subzonanorte/>>.

<sup>6</sup> Cechetto (2004) empreende uma análise interessante sobre o Charme e sua associação a determinado estilo de masculinidade.

<sup>7</sup> As “Quartas gay” do *shopping* de Madureira aparecem no trabalho de Moutinho (2005), compondo certo mapa do *circuito GLS* citado pelo grupo pesquisado pela autora.

considerada um "local de encontro". Além de ser frequentada por gente de regiões bem próximas como Cascadura, conheci pessoas que diziam vir de diversos bairros da cidade, como: Botafogo, Grajaú, Maracanã, Rio Comprido, Santa Cruz, Bangu, Nova Iguaçu, Campo Grande, Santíssimo, Bento Ribeiro, Méier, Quintino, Caxias etc.

Em uma extremidade da rua, fica o Chove Lá, uma casa que, aos poucos, vem sendo transformada em bar e, segundo relato do dono, tem pretensões de se tornar uma "boate GLS". Ele cobra pelo uso do banheiro – a partir de determinado horário, o único da rua –, com o objetivo de conseguir fundos para as obras necessárias ao empreendimento. Por conta disso, o Chove Lá está sempre repleto de mulheres. Na outra extremidade da rua fica a boate Papa G, que funciona de quarta a domingo. A boate possui três ambientes, sendo dois bastante segmentados. No primeiro piso há um bar, uma chapelaria e uma pequena *lan house*. No segundo piso, a pista de dança, o palco onde há um show de *drags*, e o "queijo", onde dançam *gogo-boys* e *gogo-girls*. Neste ambiente predominam homens, sendo possível, em algumas noites, contar nos dedos de uma única mão as mulheres presentes. No terceiro piso, uma espécie de terraço com música ao vivo, uma dupla de cantoras famosas no circuito GLS do subúrbio se apresenta. É neste espaço que se concentram as mulheres.

Na rua, espalham-se barracas e isopores com bebidas, vende-se hambúrguer, cachorro-quente, espetinho de frango e salsichão. A bebida mais consumida é a cerveja de garrafa, por 3 reais, e o vinho, vendido em garrafas de plástico de 500ml ou 1 litro, por 3 ou 5 reais. Um carro antigo preto e "insulfilmado" vende em garrafas tipo *long neck* batidas de cores fortes como verde quase fosforescente (a de bala *halls*) e rosa-shoking (a de sabor *tutti frutti*). Em certa noite, o carro trazia no vidro a inscrição "Motel 20 reais", o que provocou risos e comentários sobre o absurdo, já que não muito longe dali se poderia encontrar um "motel de verdade", quase pelo mesmo preço.

A travessa Almerinda Freitas é curta e estreita, e a maneira como alguns frequentadores a apelidaram oferece uma boa imagem da dinâmica do local: "Rua do Zig Zag". Nas quartas-feiras de intenso movimento, com pico de lotação em vésperas de feriado (à exceção dos dias chuvosos), a aglomeração se espalha pelas calçadas e rua, a ponto de interromper o trânsito dos automóveis. A circulação é constante, e as pessoas passam algum tempo olhando o movimento. Há um vai e vem intenso, um zigue-zague dos que sobem e descem a rua, "dando pinta".

Apesar deste microtrânsito, uma configuração permanece: os mais velhos (entre 30 e 50 anos) são os que se mantêm parados, enquanto os mais jovens (14 a 30 anos) sobem e descem, frequentemente em grupos. "Para dar pinta mesmo", como disse um rapaz. Há também um determinado local em que geralmente estão as travestis. As caras são conhecidas, você pode nem sempre falar com as pessoas, mas

já “conhece dali mesmo”. O clima é de “pegação”. Pode-se estar conversando com os amigos, mas olhos e corpos nunca estão completamente relaxados ou desatentos para o que se passa em volta.

Para Pollack (1986), “[a] paquera homossexual traduz uma busca de eficácia e de economia que comporta, a um só tempo, a maximização do ‘rendimento’ quantitativamente expresso (em número de parceiros e de orgasmos) e a minimização do ‘custo’ (a perda de tempo e o risco de recusa diante dos ‘avanços’)” (p. 59). Este autor cita o “olhar furtivo” e o “sorriso escondido”, como estratégias que conjugam o mútuo reconhecimento e a rápida aceitação ou recusa da troca afetivo-sexual. Guimarães (2004) associa a importância do olhar (e de outros códigos não verbais) com a prática da “pegação” e a interação em locais como bares e boates frequentados por homossexuais, principalmente no caso de o objetivo do intercâmbio ser exclusivamente sexual. Os dois autores citados centraram seus estudos na homossexualidade masculina, mas na *Rua* esta movimentação ou dinâmica independe do sexo biológico dos envolvidos na interação.

O olhar desempenha um papel fundamental na conduta da paquera neste espaço de Madureira.<sup>8</sup> Olha-se e espera-se correspondência, só a partir daí inicia-se ou não uma abordagem, o que nem sempre ocorre de maneira direta. É comum que alguém solicite a um amigo ou amiga que faça uma intermediação do contato com o sujeito desejado, tanto no caso de homens quanto no de mulheres. Pude observar a ocorrência desta situação algumas vezes. Trata-se de uma maneira de se garantir que a pessoa é “entendida” e está disponível, antes de uma abordagem mais direta: “tem que saber se a pessoa é ou não é [...] pra não dar um passo errado [...], mas se rolar uma troca de olhares, já dá pra chegar em cima”.

O jogo da paquera se organiza em torno de tipos e categorias, que se vão estabelecendo de modo relacional. Portanto, constituem eixos de classificação fluidos que informam o trânsito de corpos e pessoas.

## **Tipos e categorias identitárias**

Durante o trabalho de pesquisa, diversas formas de classificação e categorias identitárias apareceram atreladas a formas específicas de se comportar, de se vestir e se relacionar, articuladas (em maior ou menor grau) a características consideradas masculinas ou femininas. A dicotomia ativo/passivo perpassa as relações, informando o uso destas categorias, tanto para mulheres quanto para homens.

<sup>8</sup> Oliveira (2006) e Lacombe (2005) fazem associação semelhante, acerca do “olhar” e da identificação.

A palavra "entendido(a)" refere-se a uma identidade específica alusiva à orientação sexual, que tem seu surgimento e significado atribuído ao ideal igualitário da classe média paulista e carioca entre as décadas de 1960 e 1970 (FRY, 1982). Constatei usos e sentidos desta forma de classificação que ocorriam de maneira distinta, e muitas vezes oposta, ao atribuído à conjuntura de seu surgimento. Procurei, então, localizá-la entre as outras categorias que apareceram no campo da pesquisa e buscar o contexto de seus significados

Guimarães (2004), em pesquisa realizada na década de 1970 com um grupo de homens de classe média do Rio de Janeiro, indicou que a adesão à categoria "entendidos" consistia em um modo de diferenciação do modelo da "bicha", presente em estratos sociais mais baixos. Seria também uma forma de identificação em que a dicotomia ativo/passivo seria "inaplicável" à dinâmica dos relacionamentos afetivo-sexuais. Para os homens pesquisados pela autora, "a questão do ativo e passivo não se coloca, tudo é transa" (p. 92).

Trabalhando com a "conjugalidade igualitária" de camadas médias, Heilborn (2004) registra a "inexpressividade" da dicotomia "atividade/passividade" entre os pares homossexuais femininos: "embora possa ser reconhecido [...] no nível imaginário, não oferece base de diferenciação na gramática da cópula" (p. 187). No entanto, o modelo apareceria na organização da "gramática da cópula" entre os casais "gays".

Muniz (1992) abordou a "homossexualidade feminina a partir do modo como ela se põe na linguagem", em uma investigação datada do início da década de 1990, no Rio de Janeiro. A autora aponta o termo "entendida(o)" como o mais utilizado "por aqueles que participam de um estilo de vida *gay*". Entretanto, faz a ressalva de que este termo não seria empregado no sentido de "um modelo igualitário de relações, e mais um movimento de dissolução de uma identidade sexual substantiva". Segundo a autora, no "mundo *gay*"<sup>9</sup> seria mais importante saber se o possível parceiro "pode 'entender', 'pegar', 'sair', 'topar' ou 'fazer' com alguém do mesmo sexo, do que se ele é 'realmente' homossexual" (p. 74-75, n. 22). Para ela, os termos "*gay*" e "homossexual" são categorias frequentes para se referir aos homens, apesar de ser possível sua utilização em relação às mulheres, quando a menção "encompassa o universo homossexual como um todo" (MUNIZ, 1992, p. 74). Exclusivamente entre mulheres seriam usadas as expressões "mulher que transa com mulher", "mulher que entende" e "mulher que sai com mulher".

A adesão ao termo "entendida/o" chamou a minha atenção desde o início da pesquisa de campo em Madureira, pois considerava tratar-se de uma categoria em desuso. Por ter inicialmente estabelecido contato com pessoas entre 35 e 40 anos, creditei o uso a alguma especificidade geracional. Entretanto, com o tempo verifiquei

<sup>9</sup> Muniz atribui a expressão "mundo *gay*" como "largamente utilizada no universo homossexual carioca" (1992, p. 74).

não haver distinção de idade no uso do vocábulo, o que também ocorreu quando ampliei minha rede de interação entre mulheres e homens homossexuais na favela de Rio das Pedras. Mais adiante, a partir de conversas e entrevistas, constatei que o termo era mais utilizado pelas mulheres, por ser o que “mais se enquadra”, disseram-me. Entre os homens, havia também a referência aos “entendidos”, apesar da alcunha “gay” ser amplamente utilizada.

Fry (1982) e Fry & Macrae (1983) apontaram a necessidade de se compreender como as representações em torno da sexualidade são produzidas no interior de um contexto político mais amplo. Vinte anos depois de seus estudos, olhando para a arena dos movimentos políticos identitários, assistimos à progressiva especificação de novas identidades homo-orientadas e à incorporação de novos grupos ao movimento homossexual.<sup>10</sup>

Carrara & Ramos (2005) associam a emergência da categoria “entendido(a)” a contextos de estigmatização e discriminação, nos quais seria preciso manter uma espécie de código, compartilhado somente por integrantes de uma determinada rede. Estes autores, ao analisar dados da Parada do Orgulho GLBT no Rio de Janeiro, em 2004, verificaram que a frequência de categorias utilizadas como autoidentificação para as mulheres homossexuais concentrou-se em “lésbica” (68,5 %) e “entendida” (15%). Já entre os homens homossexuais, a palavra “gay” foi apontada por 61,5% dos entrevistados, e a escolha de “entendido” foi referida por 6,4%. A diferença de adesão à expressão entre homens e mulheres estaria relacionada a uma maior visibilidade da homossexualidade masculina e consequente afirmação de igualdade de direitos. Nesse contexto, “entendido(a)” seria uma categoria que estaria perdendo espaço para identidades mais afirmativas, como “gay” e “lésbica”.

Olhando para este quadro, parece significativo pensar na adoção do termo “entendida(o)” num contexto de camadas populares que mantêm a diferenciação ativos/passivos. De maneira mais ampla, investir em um eixo de reflexão que articule a multiplicidade de denominações – “entendida”, “sapatão”, “caminhoneira”, “lésbica”, “entendido”, “gay”, “viado”, “bicha-boy” – significa apreender seu significado para os sujeitos (e aqueles com os quais se relacionam) e a busca de visibilidade (ou não), no sentido de uma afirmação política de direitos.

Lacombe (2005) aborda as “masculinidades femininas” no contexto de sociabilidade de um bar no Centro do Rio de Janeiro, onde as clientes se identificam como “entendidas” em sua maioria. As palavras “sapatona” e “sapatão” também são usadas, porém com menor frequência. O termo “lésbico” é descartado, por parecer “distante e sem força semântica” (LACOMBE, 2005, p. 48). A autora destaca a discrepância entre a terminologia utilizada no cotidiano destas mulheres e o discurso do ativismo, que

<sup>10</sup> Cf. Fachinni (2005); Carrara; Vianna (2006).

defende como politicamente correto o uso de "lésbica" ou "homossexual feminina". Muniz (1992) já apontava a distância entre a busca de afirmação de identidade, que pautava a militância, e os "sujeitos do meio *gay*" que não aderiam às identidades de "homossexual" ou "lésbica" (MUNIZ, 1992, p. 240).

Certa ocasião, perguntei a uma mulher frequentadora da Rua (23 anos, negra, "entendida", moradora da Taquara),<sup>11</sup> qual a diferença entre estes termos, ao que ela respondeu que "na verdade tanto faz. São só palavras, formas de se referir à mesma coisa". Seriam de fato "só palavras" diferentes? Além de serem expressões e categorias utilizadas para autoidentificação, atuam como formas de classificação do "outro" e, de alguma forma, organizam e conformam este espaço social e suas relações. Essas formas de classificação e de identificação receberiam (ou não) influência do debate político, presente em outras esferas?

As categorias e os termos apreendidos no trabalho de campo podem ser associados aos ativismos emissores do discurso político a respeito das chamadas "identidades sexuais". Contudo, a intenção do ativismo parece não se concretizar completamente. A distância entre as palavras usadas no cotidiano e aquelas apontadas pelo discurso político ou a diferença entre os sentidos do termo "entendidas(os)" existentes no contexto do surgimento da categoria e os que apareceram durante a pesquisa apontam nesta direção. E por que uma categoria que se presta tão bem para a vida das pessoas continua sendo desconsiderada pelo ativismo?

É importante destacar que, apesar de o debate político atingir, de alguma forma, todos que convivem naquele espaço, não há uma percepção homogênea a respeito da busca de maior "visibilidade". Durante o trabalho de campo, cruzei com figuras deveras engajadas, mas também com pessoas que faziam questão de se mostrarem desinteressadas em qualquer tipo de discussão mais política. Entre as duas posições, ainda há os que reconhecem a importância de um movimento em prol de reconhecimento de direitos, porém sentem algum desconforto com a forma pela qual atuam os ativismos. Uma fala de uma frequentadora da Rua (22 anos, negra, travesti, moradora de Rio das Pedras) sobre a Parada *gay* é ilustrativa:

Ah, sei lá, às vezes, não sei. Apesar de você reivindicar direitos, tudo acaba chegando no carnaval. Então não sei, é complicado. Mas também não sei se é o certo todo mundo ficar sério, aquela coisa. Também não sei se seria certo todo mundo ficar no carnaval. Minha opinião particular é que se perde, ao reivindicar os direitos. Acho que se perde, no meio do carnaval. O pessoal quer zoar, zoar, zoar. Os *gays* são felizes 24 horas. O mundo é perfeito, o arco-íris 24 horas. Leva essa impressão errada. Mas acho que, como tudo aqui no Brasil, acho que já está na cultura mesmo, nada é no sério, tudo é uma brincadeira, todo mundo brinca e ri. Mas sei lá, é meio contraditório. Eu não acredito muito nisso, mas tudo bem.

<sup>11</sup> Neste artigo, todas as indicações de cor/raça e de orientação sexual são baseadas na autoclassificação dos meus interlocutores.



Deixando a política de lado tanto quanto possível, é interessante pensar em como os eixos classificatórios e categoriais são manipulados e articulados a outras clivagens, e como estes se organizam e dão sentidos a determinadas esferas da vida social. Algumas formas de classificação podem ser analisadas no sentido de Perlongher (1986), que propõe “antes de construir um modelo classificatório, percorrer várias nomenclaturas, organizando tenuamente sua apresentação” (p. 127). Deste modo, é possível apreender os códigos que orientam os sentidos dos “fluxos desejantes” desses sujeitos, “mas que aspire a respeitar a profusão de nomações, gêneros e estilos em circulação” (PERLONGHER, 1986, p. 208).

### **Tipos e categorias no cotidiano das classificações**

Entre os tipos de homossexualidade feminina referidos aos distintos termos e categorias, “entendida” apareceu como o mais frequente e, também, o mais “neutro”. As demais expressões parecem se organizar em um *continuum*, cujos extremos são marcados por uma associação aos desempenhos de gênero considerados mais masculinos ou mais femininos.

No extremo masculino, estariam as chamadas “caminhoneiras” e/ou “ativas”. Nas palavras de uma entrevistada (20 anos, negra, “entendida”, moradora do Meier), essas “são as tão masculinas que não dá para dizer se são homens ou mulheres”, são “totalmente ativas”. No outro extremo, as “ladies” ou “passivas”, consideradas muito femininas, “tão feminina que chega a ser viado” e “totalmente passivas”. Logo, esta maneira de classificar as mulheres faz alusão direta à *atividade* e *passividade* que, por sua vez, remetem tanto a práticas sexuais quanto a atributos estéticos, corporais e gestuais. Entre os dois extremos, estão as “participativas”, que circulam entre os dois polos e podem se aproximar mais de um ou de outro. Em relação às práticas sexuais, as “ativas” são as que “não gostam de ser tocadas”, as “passivas”, as que “só gostam de ser tocadas”, e as “participativas” desempenhariam os dois papéis.

Em certa ocasião, uma frequentadora da *Rua* contou-me uma anedota. Ela estava saindo do supermercado carregando as compras, com a mãe, quando avistou uma mulher do tipo “praticamente homem”. Fez um comentário irônico e se referiu a ela como “caminhoneira”. A mãe retrucou: “Olha só a sapatão falando!”. Ela exclamou, já deixando escapar uma gargalhada: “Sapatão, não! Eu sou mulher de sapatão!”.

As tipologias da homossexualidade masculina parecem se organizar de modo semelhante à feminina, em relação às práticas sexuais: há os “ativos”, os “passivos” e, entre eles, os “participativos” ou “versáteis”. Um frequentador (pardo, 23 anos) disse que “gay”, “homossexual” e “entendido” são variações para a mesma coisa.

Para ele, "o que difere mesmo" é "viadinho" e "bichinha", que significam "aquela coisa mais efeminada" mais "afetada", "mais bichinha ralé".

Os termos "lésbica", "homossexual" e "gay" poucas vezes foram citados espontaneamente. Ao perguntar diretamente o que significariam, ou quais as diferenças entre eles e "entendida", "sapatão" etc., obtive explicações diversas. Sobre "entendidas", ouvi que seria uma "gíria para lésbica", que, de fato, seria "o certo". Porém, "lésbica" seria uma palavra "feia", "esquisita", "quase um palavrão", de difícil identificação. Assim, "entendida é o que se enquadra mais", já que não existe uma palavra como "gay" para mulheres.<sup>12</sup> "Sapatão" é uma palavra ambígua, equivalente a "viado", é bastante usada quando se está entre amigos, mas pode ser considerada extremamente pejorativa quando "vem de fora". "Caminhoneira" funciona como categoria de acusação, utilizada como referência negativa ao outro, distante e não familiar. "Homossexual" seria o termo mais "científico", "uma coisa mais literária, do tipo 'procura no dicionário'", usado somente quando se pretende ser politicamente correto.

De maneira generalizada, é possível afirmar que um equilíbrio entre roupas mais justas ou soltas, disposições corporais mais alinhadas ao que é considerado feminino ou masculino compõem o grau de "atividade", "passividade" ou "participação" desses homens e mulheres. Estas seriam as tipologias usadas, principalmente, para a classificação do outro. No entanto, no dizer de uma interlocutora, "na prática as coisas não são bem assim".

Em termos estéticos e corporais, para as mulheres, incorporar uma disposição "ativa" significa usar calças e blusas mais largas, cabelos bem curtos ou presos, tênis ou sapatos baixos e, jamais, salto alto. Já o desempenho "passivo" inclui minissaías, calças, blusas e *tops* ajustados ao corpo, cabelos compridos e soltos, salto alto, maquiagem etc. As "participativas" podem mesclar tais elementos, trajar uma calça mais ajustada, *top* e tênis, por exemplo. Entre as consideradas mais masculinas, existe uma variação geracional que toma corpo na forma de apresentação de si. Há um determinado estilo, geralmente incorporado por meninas mais jovens, mais magras, de cabelos curtos ajustados em um corte moderno e roupas consideradas "decoladas", são as chamadas "bofinhos".

Com algumas das pessoas que conheci na *Rua* estabeleci contato por meio do *site* de relacionamentos Orkut. Ali, cada usuário cria uma página pessoal, onde pode arrolar características de gosto pessoal, como preferências de orientação sexual,

<sup>12</sup> Heilborn (2004) indica que o movimento de "despatologização" da homossexualidade, iniciado nos anos 1970, resultou, no caso dos homens, em "uma guinada para a masculinização", acompanhada por um "movimento de indiferenciação social e sexual" e pela estratégia de adoção do termo "gay". No caso das mulheres, não teria ocorrido estratégia vocabular semelhante, embora se verifique a tendência de negação da figura masculinizada da "fanha" e a valorização da "elaboração visual-gestual" mais feminina (p. 183).

filmes, músicas, religião, cor/raça/etnicidade etc. Além disso, a ferramenta permite a conexão entre amigos, que também possuem um perfil cadastrado e, ainda, a “comunidades”, divididas em subcategorias que podem tratar de temas os mais diversos (como Artes e Entretenimento; Pessoas; Cidades e Bairros; Saúde, Bem-estar e Fitness; Gays, Lésbicas e Bis etc). Conheci então “comunidades”, nas quais algumas tipologias e estilos articulados pelos frequentadores da *Rua* podiam ser também percebidos. São “comunidades” como: “Curto Meninas Bofinho”, “Sou FEM + gosto de Bofinho”, “Nem Lady Nem Bofinho, Sou Flex”, “Bofinho com estilo”, “Sou (amo) bofinho moderno”. Esta última traz a descrição:

Você é um BOFINHO mais que masculino? É sempre educado, romântico, cavalheiro, apaixonado e quer fazer de sua lady a mulher mais feliz desse mundo? Se você usa roupas modernas, é *fashion*, cheiroso, se cuida, adora acessórios transados... Aki é o seu lugar. OBS.: E vocês *lady*s que amam esse tipo de bofinho, venham nos prestigiar.<sup>13</sup>

Também são várias as “comunidades” que tratam da *Rua* e da boate de Madureira, muitas vezes anunciando e divulgando estilos ou em interação com outras “comunidades” que o fazem. Ali também há trocas de e-mails e MSN,<sup>14</sup> o que abre a possibilidade de encontros afetivo-sexuais. Logo, a internet também é um canal por meio do qual estes tipos e estilos são formulados e circulam, não apenas no Orkut, mas em *Fotologs*, *Blogs*<sup>15</sup> e *sites* direcionados especificamente para promoção de encontros afetivo-sexuais, salas de bate-papo on-line etc.

\* \* \*

Certa noite, em Madureira, presenciei uma conversa entre três mulheres amigas de Ivone (38 anos, negra, “entendida”, moradora de Rio das Pedras): uma se dizia “entendida” e “participativa”, outra se afirmava “entendida” e totalmente “ativa”, e a última declarou-se simplesmente “entendida” e era considerada muito feminina pelas amigas. A “totalmente ativa” incorporava também os padrões estéticos desta disposição. Cabelos muito curtos, bermuda larga de corte masculino e pochete. Quando me aproximei do grupo e perguntei sobre o que conversavam, disseram ser “sobre o que rola na cama”. A “ativa” dizia que não gosta que a toquem, mas “chupar pode”, porque “homem também deixa chupar”. Passar a mão na bunda e no peito também pode, “porque homem também deixa”. No entanto, qualquer tipo de penetração é impensável, “homem não deixa enfiar o dedo”. Diante desta explanação, a “participativa” comentou: “Nossa! Você tem que ser mais flexível,

<sup>13</sup> <<http://www.orkut.com>>. Último acesso em julho de 2007.

<sup>14</sup> Programa de bate-papo *on-line* em tempo real.

<sup>15</sup> *Blogs* e *fotologs* são tipos de páginas pessoais semelhantes. Nelas cada usuário cria um endereço para uma página que pode ter seu conteúdo atualizado com textos e fotos. Os visitantes da página podem deixar recados e comentários sobre o conteúdo, sendo que nos *fotologs* a predominância é de imagens em detrimento de textos.

mais cabeça aberta!". A "entendida" prosseguiu: "Uma coisa é a aparência, e outra é como vai ser na hora H, assim você acaba perdendo a garota...".

Considerando o universo mais geral da *Rua* de Madureira, é possível afirmar que a feminização dos homens e a masculinização das mulheres podem ser indicativos de uma posição de classe. As "mulheres masculinas" e os "homens femininos" seriam também os mais pobres, ou "mais ralé" – aqueles menos ajustados aos valores igualitaristas de um mundo moderno, aqueles que não têm a "cabeça aberta".

Em estudo recente, Oliveira (2006) apresenta dois modelos de relações: "iso-generificada" e "alter-generificada" (p. 37). Na primeira, o gênero dos atores envolvidos é percebido como "igual". Já na segunda, o gênero é tido como distinto/oposto ao do parceiro (independentemente do sexo biológico dos engajados na relação). Na boate pesquisada por Oliveira, aqueles que se envolvem em "interações eróticas iso-generificadas são marcados como figuras 'liminares' ou abjetas" (OLIVEIRA, 2006, p. 38). De modo geral, é possível utilizar a mesma lógica para o campo por mim observado. As relações afetivo-sexuais entre sujeitos com desempenho de gênero semelhante são tidas como impensáveis, quando masculinas, para as mulheres, e femininas para os homens.

Tais modos de autoclassificação/autoidentificação e, principalmente, de identificação do "outro", são fundamentais no espaço específico de sociabilidade homossexual de Madureira. Trata-se de um ambiente considerado privilegiado para paqueras e encontros amorosos. Este sistema classificatório serve de organizador do desejo para os frequentadores. Assim, a expectativa é que o desejo de "ativos" e "ativas" seja direcionado para "passivos" e "passivas", e vice-versa. Aparentemente, "participativas" possuiriam um maior leque de possibilidades, pois seu "desejo" poderá se dirigir a qualquer um dos polos, além de poderem se relacionar entre si. No entanto, é esperado que não desejem os extremos do *continuum*. Seguindo esta lógica de organização do desejo, os sujeitos se constroem de acordo com o que desejam atrair para si, ou de acordo com o outro, do qual se quer ser objeto de desejo.

Além disso, o fato de ser um espaço relativamente pequeno e frequentado sistematicamente pelas mesmas pessoas faz com que os sujeitos fiquem marcados por determinados estilos. "Configura-se assim uma massa instável de referências 'identificatórias', um campo de forças atravessado por tensões, por vetores de circulação que buscam orientar o sujeito no emaranhado dos corpos" (PERLONGHER, 1987, p. 250). Esta situação cria uma espécie de expectativa em relação à construção de si que deve ser mantida. Caso contrário, corre-se o risco de perder uma marca adquirida e positivada, que orienta o trânsito e a circulação nesse espaço.

Certa ocasião, Ivone reencontrou um “ex-caso” (Ju), e elas retomaram o relacionamento por algumas semanas, mas o namoro não deu certo. Tempos depois, conversei sobre tal situação, na casa de Carlos (28 anos, negro, “entendido”)<sup>16</sup> em Rio das Pedras, quando também estavam Priscilla (22 anos, negra, travesti) e André (30 anos, branco, “hétero”), todos assíduos das Quartas de Madureira, à exceção de André. Ivone relatou os motivos do desentendimento: ela se afirmava “ativa”, gosta de se vestir de modo simples e confortável, *shorts*, bermudas e calças largas e camisetas. Na primeira vez em que reiniciaram o relacionamento, Ju (“entendida”, morena, 35 anos) implicou com seu vestuário, pois queria que ela usasse saias e pintasse as unhas de vermelho. Para Ivone, a maior decepção ocorreu na cama, quando Ju quis incorporar um desempenho mais ativo na hora do sexo: “Eu vou, pego a menina toda feminina, bonita, do jeito que gosto. E quando vou lá na cama, ela quer trocar! Quer fazer o papel que eu faço! Aí não dá! Aí não funciona!”.

Priscilla interrompeu Ivone: “não tem nada a ver, tudo tem que ser igual”. André defendeu Ivone, afirmando que ela estava certa, já que ela gosta e tem prazer ao ver a outra pessoa sentir prazer. Como justificativa, disse que ele fica mais excitado quando sente que a mulher está muito excitada. Para Carlos, a questão é o “prazer pelo prazer”, e que “ora um vem, ora outro vai”. Pouco depois se contradisse, ao relatar um episódio sobre um sujeito com o qual estava “ficando”, que “tirou o pau para fora e queria que eu chupasse. Eu disse: ‘Nem vem! Se quiser, você que chupe!’”. Disse que, se alguém quiser “comer”, em princípio ele diz não. Entretanto, “de repente, com o tempo pode ser que role, tendo intimidade, posso deixar me comer também”. Ivone concordou e declarou que, talvez com o tempo, também aceitasse ser “passiva”, mas concluiu dizendo que essa “mulher especial” ainda não havia aparecido em sua vida.

Para Ivone, a diferença entre “ativas” e “passivas” é fundamental, inclusive o beijo da “ativa” é “mais forte”, é “diferente”. Gaba-se de nunca ter usado saia na vida e irrita-se com Ju, pois não acredita que se possa mudar uma pessoa de uma hora para outra: “Sou ativa e gosto muito de ser ativa!”. Ivone chega a expressar certo orgulho de sua “atividade” e rejeita o rótulo de masculinizada, da mesma forma como outras “ativas” com quem cruzei durante o trabalho de campo.

Em outra ocasião, ouvi a versão de Ju para a história, em uma festa na casa de uma “entendida” em Rio das Pedras. Festa para poucos, só amigos e vizinhos próximos, portas e janelas abertas, churrasqueira improvisada na rua e música alta. Ju dirigiu-se a mim logo após uma cena, quando Ivone tentou beijá-la e foi repelida. Ju afirmou não achar certo, “tudo bem que Ivone está na comunidade dela, mas eu

<sup>16</sup> Muitas vezes, Carlos dizia ser “entendido”, mas eventualmente transitava por outras “classificações”. Durante o período em que convivemos, ele se relacionou com homens e mulheres. Na noite em que o conheci, questionado por uma moça sobre sua orientação sexual, afirmou: “a música que tocar eu danço”.

não estou" (Ju residia em Mesquita). Ali havia crianças, então não era certo. Para Ju, orientação sexual é opção, portanto "todo mundo tem opção e o que você faz entre quatro paredes ninguém precisa saber". Todos de sua família tinham conhecimento de sua "opção", mas "não precisa fazer nada na frente de ninguém". Considera-se "anormal, mas bem resolvida", já que "sou feminina e aí ninguém diz". Assim, acha que Ivone deveria ser como ela e, para que se convencesse disso, pretendia levá-la para conhecer suas amigas, "porque lá todo mundo é mas usa saia e salto, e ninguém diz".

### **Falando de "cores"**

Fui apresentada a um sistema elaborado e complexo de classificação de cor nesse espaço de Madureira. Muitas vezes utilizei como estratégia, para que o tema fosse discutido, provocar conversas em torno da cor que atribuíam a mim (autoclassificada como mestiça). Reproduzo, a seguir, alguns desses diálogos.

Em conversa com Maria (20 anos, "entendida", moradora do Meier e assídua da *Rua*), indaguei como ela se classificava em termos de cor, ao que respondeu: "morena". Quando perguntei como ela me percebia, afirmou que eu era "branca". Inquiri então sobre a cor de algumas pessoas que estavam à nossa volta, e sua percepção era sempre bem "mais clara" ou "mais branca" do que a minha. O que me fez ter vontade de provocá-la mais um pouco foi o fato de ela não ter identificado nenhum negro a nossa volta, quando, segundo a minha percepção, havia vários ali. Decidi perguntar de outra forma: "Quem é preto aqui, afinal?". Ela respondeu que algumas pessoas ali eram "negras, mas, para não ficar chamando ninguém de negro, de preto, a gente diz moreno". Quando eu disse que não a estava entendendo muito bem, ela ilustrou com um exemplo: "Tipo assim, eu sou negra, mas sou morena. É como se eu fosse negra na raça e morena na cor. Entendeu?".

Perguntei mais uma vez qual seria a minha cor, e ela novamente disse que eu era "branca". Resolvi provocá-la dizendo não me considerar branca. Então ela pensou um pouco e disse que aí eu poderia ser "branca na cor e parda na raça" porque "se não é negro, é branco!". Segundo Maria, eu não poderia ser o que ela chama de "morena" porque as pessoas me veem como "branca".

Renata (22 anos, "entendida", moradora de Madureira), uma conhecida, aproximou-se. Para prosseguir com o mesmo tema, perguntei para Maria qual seria a cor de Renata. Maria disse que ela era "branca", mas, na certidão de nascimento, constava "parda clara". Quando Renata se juntou a nós, Maria inquiriu: "Aí, Renata, tu é de que cor?". Ela respondeu: "Sou negra, pô!". Maria retrucou: "Pô, tu é branca. Na sua certidão não está pardo?". Então Renata respondeu que sim e que "tudo bem, posso ser parda, então". Perguntei a cor dos pais de Renata, e ela disse que a mãe

era “branca” e o pai “moreno”. Perguntei: “Moreno como?”, ao que ela declarou que era moreno como Maria (preto). O irmão de Renata se juntou a nós e entrou na conversa: afirmou que eu era “branca e ponto”. Retruquei dizendo que não me considerava branca e que, assim como eles, meus pais eram de “cores” diferentes, minha mãe era preta e meu pai branco. Então ele fez uma concessão e disse que eu poderia ser “amarela”. Eu disse que me classificava como “mestiça”, ao que Renata contrapôs que mestiço não podia ser, “porque mestiço não tá no esquema”. Perguntei espantada que “esquema” seria este, e ela falou do “esquema” em que há “negro, pardo, branco e amarelo”.

Em outra ocasião, conheci João (22 anos, *gay*, morador da Taquara) e seu namorado, em um grupo com outras três pessoas. A certa altura da conversa, João me disse que eu era linda. Agradei o elogio e retribuí, afirmando que ele também era lindo, com aqueles impressionantes olhos castanhos-claros. Percebi que seu namorado também possuía olhos claros e comentei que eles faziam um casal muito bonito. O namorado, entusiasmado, disse: “Dois negros lindos, né?!”. O namorado era um pouco mais claro do que João, e me espantou sua autotransformação como negro. “Ah é? Você se considera negro?”, perguntei, ao que ele respondeu: “Claro! Nós somos negros!”. Em seguida, indaguei qual seria a minha cor, e os dois responderam ao mesmo tempo: “Ah! Você é branca!”. Eu disse: “Poxa, não posso ser negra também?”, ao que João retrucou muito enfático: “Nããã! Você é branca!”. Afirmei que me considerava mestiça, e João explicou que mestiço era preto com branco. Falei que era justamente isso: “Como minha mãe é preta, e meu pai, branco, eu sou mestiça.” Ele prosseguiu explicando: “Mas você é vista como branca, você pode ser no máximo parda. Negra não, porque tem uma escala, com negro, pardo, branco, vermelho.” Pedi que me explicasse melhor a tal da “escala”, perguntei onde ele tinha aprendido isso. Ele contou que a professora de geografia ensinou na escola que há várias raças e etnias e continuou me dando explicações prolixas, no entanto pouco esclarecedoras.

Nos esquemas de “classificações do desejo”, cor e raça dificilmente eram afirmados como fatores determinantes ou de grande relevância na determinação da escolha do parceiro. A ênfase estava centrada nas preferências físicas, como altura, corpo magro ou “sarado”, idade, desempenhos de gênero ou estilos ajustados a padrões mais masculinos ou femininos. No entanto, a figura do “mito do negão”<sup>17</sup> vez ou outra era acionada e, eventualmente, esboçava-se alguma preferência pelos “morenos”. Contudo, esta pode ser uma categoria bastante ampla, estendendo-se desde a pele clara com cabelos escuros à pele bem escura de cabelos igualmente escuros.<sup>18</sup> Talvez

<sup>17</sup> Cabe apontar aqui o trabalho de Moutinho (2004) em que a autora aponta para um possível rearranjo do estigma quando o homem “negro” é considerado “‘racialmente’ inferior ao ‘branco’ na vida social e normativa, mas na esfera erótica aparece como superior como as metáforas térmicas de proporção, virilidade e desempenho sexual apontam” (p. 358).

<sup>18</sup> Maggie (1996) discute a utilização de gradações que vão do mais claro ao mais escuro, enfatizando a hierarquia de valores ligados a essas diferenças de cor, mas distanciando-se da oposição referenciada nos termos “preto” e “branco”.

uma definição aproximada seja mais fácil pela exclusão dos polos de um *continuum* que vai do chamado "branco muito branco" ao "preto muito preto". Quando se opta pela "morenidade", estes polos figuram como os mais desvalorizados do mercado.

Para concluir, é necessário destacar que tais falas deixam entrever o quanto, apesar da dificuldade de serem acessadas, ideias e representações sobre cor e raça interconectam-se a gênero, sexualidade e erotismo, na composição de elementos de *status* e prestígio, no "mercado dos afetos e prazeres" (MOUTINHO, 2004). Cabe ressaltar que, como explicitado por Moutinho (2006), em pesquisa em que combinações distintas de desigualdades estavam presentes, a homofobia se sobrepõe ao racismo e à discriminação por classe. No espaço por mim investigado, é possível afirmar uma situação semelhante, em que a orientação sexual foi acionada com muito mais frequência como viés explicativo e reflexivo de trajetórias de vida, deixando o marcador racial encompassado por este aspecto.

*Abstract: This article is based on the fieldwork led on a "GLS" (a brazilian expression for "gays, lesbians and allies") nocturne space of sociability on Madureira district, Rio de Janeiro. This analysis tries to understand the systems of classification related to sex, gender, color/race and styles that orientate sociability and the circulations of people and bodies amongst the city spaces. The work is specially focused on the uses and significations of the categories that are used to typify female homosexual orientation.*

*Keywords: gender; female homosexuality; identity categories; suburb; color/race.*

*(Recebido em outubro de 2008 e aprovado para publicação em setembro de 2008.)*

## **Referências**

- AGUIÃO, Sílvia. *"Aqui nem todo mundo é igual": cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado)–PPGSC, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia. *Política, direitos, violência e homossexualidade*. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. *Direitos sexuais: o caso brasileiro*. [S.l.: s.n.], 2006. Mimeo.



- CECCHETTO, Fátima R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- FACHINNI, Regina. *"Sopa de letrinhas"?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado)–PPGAS, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Pra inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_. O que a Cinderela negra tem a dizer sobre a "política racial" no Brasil. *Revista da USP*, São Paulo, v. 28, p. 122-135, 1996.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GUIMARÃES, Carmem D. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond: CLAM, 2004.
- LACOMBE, Andréa. *"Pra homem já tô eu": masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado)–PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2005.
- MAGGIE, Yvonne. Aqueles a quem foi negada a cor do dia: as categorias de cor e raça na cultura brasileira. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R.V. (Org.). *Raça, Ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: CCB: Fiocruz, 1996.
- MOUTINHO, Laura. Homossexualidade, cor e religiosidade: flerte entre o 'povo de santo' no Rio de Janeiro. In: HEILBORN, M. L. et al. (Org.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- \_\_\_\_\_. Negociando com a adversidade: reflexões sobre 'raça', (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Revista de Estudos Feministas*, São Paulo, v. 14, n. 1, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004.
- MUNIZ, Jacqueline de Oliveira. *"Mulher com mulher dá jacaré": uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. Dissertação (Mestrado)–PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.
- OLIVEIRA, Leandro de. *Corpos que pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. Dissertação (Mestrado)–PPGSC, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PERLONGHER, Nestor. A tipologia das homossexualidades numa pesquisa social. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 5., 1986, [S.l.]. *Anais...* [S.l.: s.n.], 1986.
- \_\_\_\_\_. *O negócio do michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.



"Sapatão não! Eu sou mulher de sapatão!"  
Homossexualidades femininas em um espaço de lazer do subúrbio carioca

SIMÕES, Julio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do 'gueto' ao mercado. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.